

Movimento dos Pescadores Artesanais do Litoral do Paraná – MOPEAR



Nova cartografia social dos povos e comunidades tradicionais do Brasil

Pescadores Artesanais da Vila de Superagui Guaraqueçaba, Paraná

16



Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil

Coordenação do PNCS

Alfredo Wagner Berno de Almeida (NCSA-CESTU/UEA)
Rosa Acevedo Marin (UNAMAZ - NAEA - UFPA)

Coordenação PNCS Laboratório / Guarapuava

Roberto Martins de Souza – IEEP/CEMPO
José Carlos Vandresen – CEMPO

Coordenação geral do MOPEAR

Diarone das Neves
Cleonice Silva
Norma N. da Silva
Azuir Barboza
Samuel Dina
Arlindo Alves dos Santos
Ivair José da Silva
Cláudio Araújo Nunes

Coordenação Núcleo do MOPEAR em Guaraqueçaba

Eliezer Nunes dos Santos
Arlindo Alves dos Santos
Oromar A. Muniz
Samuel Dina
Ivair Losé da Silva
Azuir Barboza
Cláudio Araújo Nunes
Miguel Siqueira
Erick da Conseqüência Barboza

Equipe de pesquisa

Dimas Gusso
Roberto Martins de Souza

Equipe de colaboradores

Marina Eduarda Armstrong de Oliveira (bolsista PNCS)
Luiz Rogério Oliveira da Silva (UFPR Litoral)
Mercedes Sola Perez (UFPR Litoral)
Daniele de Fátima dos Santos (bolsista PNCS)
Kelly Linai da Costa (bolsista PNCS)
Bárbara Miranda (jornalista PNCS)
Cristiano Passos (SETI/PR)
Ana Carolina Brolo de Almeida / Rede Puxirão
Fernanda Alves Fagundes / Rede Puxirão
Bruno Henrique Costa Toledo

Fotografia

Dimas Gusso
Eliézer Nunez dos Santos
Aurélio Nunez dos Santos

Cartografia

Claudia I. S. dos Santos

Projeto gráfico e editorial

Ernandes Fernandes www.designcasa8.com.br



1º Oficina de Mapas, 21 de junho de 2009.

Samuel Dina, Mercedes Sola Perez, Roberto de Martins de Souza, Cláudio Sergio Ferreira Alves, Dimas Gusso, Eliézer Nunes dos Santos, Laurentino Souza, Cláudio Araújo Nunes, Ivair José da Silva, Antonio Francisco, Natael dos Santos, Antonio Rodrigues, Oromar Muniz, Roseli Alessandra Soares, José Squenine, Aurélio Nunes dos Santos, Cristiano Passos, Luiz Rogério Oliveira da Silva e Nilmar Pussini

Participantes das Oficinas

Irene Araújo Nunes	Edivan José Crisante
Marcelo Siqueira	Ederaldo Muniz Siqueira
Luiz Castanho Cunha	Oriovaldo da S. Souza
Leandro Muniz Viante	Maecel Muniz Squenine
Eliézer Nunes dos Santos	Abigail F. Alves M.
Azuir Barboza	Evandro Muniz VC.
Cláudio Sergio Ferreira Alves	Osmar da Silva Muniz
Oromar A. Muniz	Antonio Francisco
Erick da Conseqüência Barboza	Natael dos Santos
Aurélio Nunes dos Santos	Cláudio Araújo Nunes
Lenita Apa Martins	Samuel Dina
Ivair José da Silva	Roseli Alessandra Soares
Arlindo Alves Santos	José Squinine
Laurentino Souza	Miguel Siqueira
Fernando José Pires	Eliseu Alves dos Santos
Itamara dos Santos Muniz	Evair (Vila das peças)
Eizeli Nunez dos Santos	

PP N935 Nova cartografia social dos povos e comunidades tradicionais do Brasil: Pescadores Artesanais da Vila de Superagui, município de Guaraqueçaba, Paraná / Alfredo Wagner Berno de Almeida, Rosa Acevedo Marin, (Coord) ; autores Roberto Martins de Souza, Dimas Gusso. – Guaraqueçaba, Paraná : Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia / UEA Edições, 2010

12 p. : il. ; 25 cm. (Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil ; 16)
ISBN 978-85-7883-085-4

1. Comunidade Ribeirinha – Paraná. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Marin, Rosa Elizabeth Acevedo III. Souza, Roberto Martins. IV. Gusso, Dimas, V. Série.

CDU 301.185.2(816.22)

Catálogo na fonte elaborada pela bibliotecária Rosenira Izabel de Oliveira CRB 11/529

O que é ser um pescador e uma pescadora artesanal?

“Ser pescador é também essa função de cuidar de uma horta apesar de que aqui não é todo mundo que tem, mesmo também com essa história da proibição. Antes o pessoal plantava roça, com a mandioca faziam farinha, também à mulher participava, e hoje eles já não fazem mais. Pescador é homem e mulher, mais eu acho que a participação da mulher, não fica só na casa, mesmo porque tem muitas mulheres que pescam também, não no mar de fora, mas aqui dentro, elas tiram ostras, mariscos, caranguejos, tudo é uma pesca.” **Roseli Alessandra Soares**

“No início, a gente primeiro trabalhava na lavoura, depois a gente pescava. A pesca era só pra mantimento depois quando veio essas proibições virou pra pesca mesmo.” **Elesbão do Prado**

“O pescador artesanal é aquele pescador que sai às 6 horas da manhã e volta às 3 horas da tarde. Porque o pescador artesanal vai lá e pesca na parte de manhã, e na parte da tarde tá em casa. E a costa fica livre, dá o peixe, pode muda de lugar o camarão, e então, se fosse só o pescador artesanal a pescaria era a mesma coisa sempre. Outro dia ele retorna lá e tem o pescado dele, pra ele pesca outro dia. Isso quando o tempo tá bom. Fica difícil quando o mar engrossa o pesqueiro. Nosso barco é de boca aberta coisinha pequena, barco de nove metro. O maior barco que nós temo é o barco de nove metro. O resto é cinco metro, sete metro, oito metro.” **Luiz Castanho Cunha**

“Pescador artesanal é um povo sofrido, passamos muito perseguido pelo IBAMA, força verde. Pescador artesanal são os pequenos pescador que pescam em rio, nas baía aqui dentro e perto e com embarcação pequena, rede pequena, diferente da industrial. A industrial vem com os aparelho grande. Tem barco com equipamento que sabe onde ta os peixe. E nós pra saber onde ta o peixe a gente solta a rede e colhe pra saber se tem ou não tem. E eles não, eles vem. O industrial vem com o aparelho e já cerca os cardume. A diferença entre a industrial e a artesanal é isso aí.” **Cláudio Araújo Nunes**

“Ser pescador artesanal é viver da arte.”

“É uma vida muito difícil, a gente tem que lutar pra ganhar o sustento da gente através da pesca, levantando de madrugada todo dia. Não tem frio, não tem chuva, não tem tempo que impeça. Se a gente não for, não ganha. E nós não somos vistos por isso, não temos nossos direitos. Não são respeitados. A gente precisa lutar porque não tem assistência do governo, dos órgãos públicos, que a gente sabe que existe direitos, mas pra nós aqui isso não existe, agora a gente sofre muito aqui, a vida aqui tudo depende do mar, pra tudo, tudo.” **Lenita Aparecida Martins**

“O modo de vida aqui hoje é a pesca. É limpá o pescado, assim nós vivemos, através da pescaria. Se faltar a pescaria nós tamo sem recurso também, porque dependemos da pesca. Quando



Kelvim Nunes de Araújo
– pescador artesanal



Construção artesanal de canoa



Mutirão das mulheres para limpeza do pescado



Fandangueiros: Pedro Miranda e Odair Siqueira

não tem, além de pesca nós limpamos o pescado, descascamos camarão. Nós levantamos de madrugada, as vezes até 4 ou 5 horas da madrugada pra limpar o pescado, o camarão, essa que é nossa vivência.” **Ester Alves dos Santos**

“Já nós como pescadores artesanais. Nós vamos ali só pega o sustento do dia, não temos como, até mesmo pra revender esses peixes em quantidade. Se nós tivéssemos que pegar quantidade grande, não tem. Nós trabalhamos conforme o preço da pesca também, no caso pra revender, porque nós, na verdade, não somos destruidor da natureza, as pessoas, os pescadores artesanais, porque nós sobrevivemos daqui, assim como os agricultores sobrevivem do continente, nós também queremos sobreviver da pesca artesanal, de um modo que não afete a natureza.” **Ivair José da Silva**

“Ser um pescador artesanal é viver da arte, a gente vive da arte manualmente, a gente sai pesca sete hora da manhã, seis hora da manhã, volta às três da tarde e o trabalho é tudo manual, não tem nada de guincho, de equipamento sofisticado, como: Gps e a sonda. O barco de pequeno porte trabalha das sete às três, volta pra casa e lá no mar começa a se cria o pescado de volta, das três até às seis da manhã do outro

dia. Viver da arte é desse tipo: pesca um dia, à noite descansa. Como não temos equipamento sofisticado pra fica à noite lá fora, pra pesca à noite, dia e noite, então o nosso tipo de vida é esse aí.” **Azuir Barboza**

“Pra mim o pescador artesanal tem moda de fandango, canta, pesca com a enchente e com a vazante, com o sol e com a trovoada, com coragem: “no meu jervial tem camarão entrando”. Isso ai pra mim é uma realidade mesmo do pescador artesanal. Pescador artesanal é tudo aquilo que você está vendo ai perto, e muitas vezes ele tem que enfrentar a tempestade, mar agitado, maré alta, ressaca muito forte, e o grande pesqueiro ele tem de tudo ali dentro, tem possibilidade de agüentar um temporal.” **Laurentino Souza**

“Bem, na realidade o pescador artesanal tem toda uma tradição, como são os povos de comunidades tradicionais ribeirinhas e litorâneos, esses povos existem a mais de duzentos e cinquenta, trezentos anos e de lá pra cá seus descendentes tem toda uma tradição, um meio de vida própria. Nós temos um meio de vida próprio. A pesca artesanal é diferenciada da pesca industrial pelo seguinte: a pesca industrial ela degrada o meio ambiente inteiramente, e a pesca artesanal, que é tradicional, veio de uma tradição que torna ela ainda, uma pesca que não é predatória por ser artesanal. Nós ajudamos a preservar, porque nós temos o meio próprio de pescar, tem nosso tempo que a gente pesca, depende de lua, depende de maré, depende do tempo bom. Como a gente vive na costa litorânea, aqui se pesca uma boa parte do ano, e a outra parte não se pesca. Então, a gente tem todo um meio de ta preservando o meio ambiente, porque se você pesca dez dias no mês quantos dias há no ano. Então, quanto tempo você leva ajudando a preservar. A



Vista da Vila de Superagui

partir do momento que ta pescando artesanalmente que não tem todo um aparelho sofisticado faz uma diferença muito grande da pesca industrial, isso torna a gente assim preservadores do meio ambiente, aquilo que é diferente do que a gente tem sido colocado hoje, principalmente pelo órgão ambiental que considera a gente criminosos do meio ambiente.” **Samuel Dina**

Nosso território é o mar, mas também é a terra!

“O pescador vivia, antigamente nossos pais vivia, como eu também ia planta com meu pai, nós vivia da roça, pescava e vivia da roça, só que depois que o IBAMA entrô aqui quando veio o Parque Nacional, aí não teve condição de faze mais roça, nem pra corta um quilo de cipó, se você for corta um quilo de cipó você é multado, dá até cadeia pra você, é a situação que a gente ta. Não só IBAMA, mas o IAP e a Força Verde também. Não tem condição de faze mais nada.” **Luiz Castanho Cunha**

“Somos Pescadores Artesanais, nosso território não é só o mar.”

“O modo de vida aqui de Superagui começa de doze anos pra frente quando nós começemos a pescar junto com o nosso pai, e a gente aprendeu aquilo que o nosso pai trouxe pra nós. A pesca hoje, pra come daqui dois três dia, então nós sempre ia com ele. Chegava em terra, guardava aquele peixe, tinha liberdade de pesca outro dia dentro do rio, cortava um pau, fazia uma canoa, tinha liberdade de faze um remo, planta uma roça, tinha liberdade de tudo, tava aberto pra que nós tinha o nossa convivência. Era uma área que nós tomava conta, ia pra uma parte e pescava, ia pra outra e pescava, não tinha prejudicamento da autoridade, a nossa rede sempre estava na nossa mão.” **Miguel Siqueira**

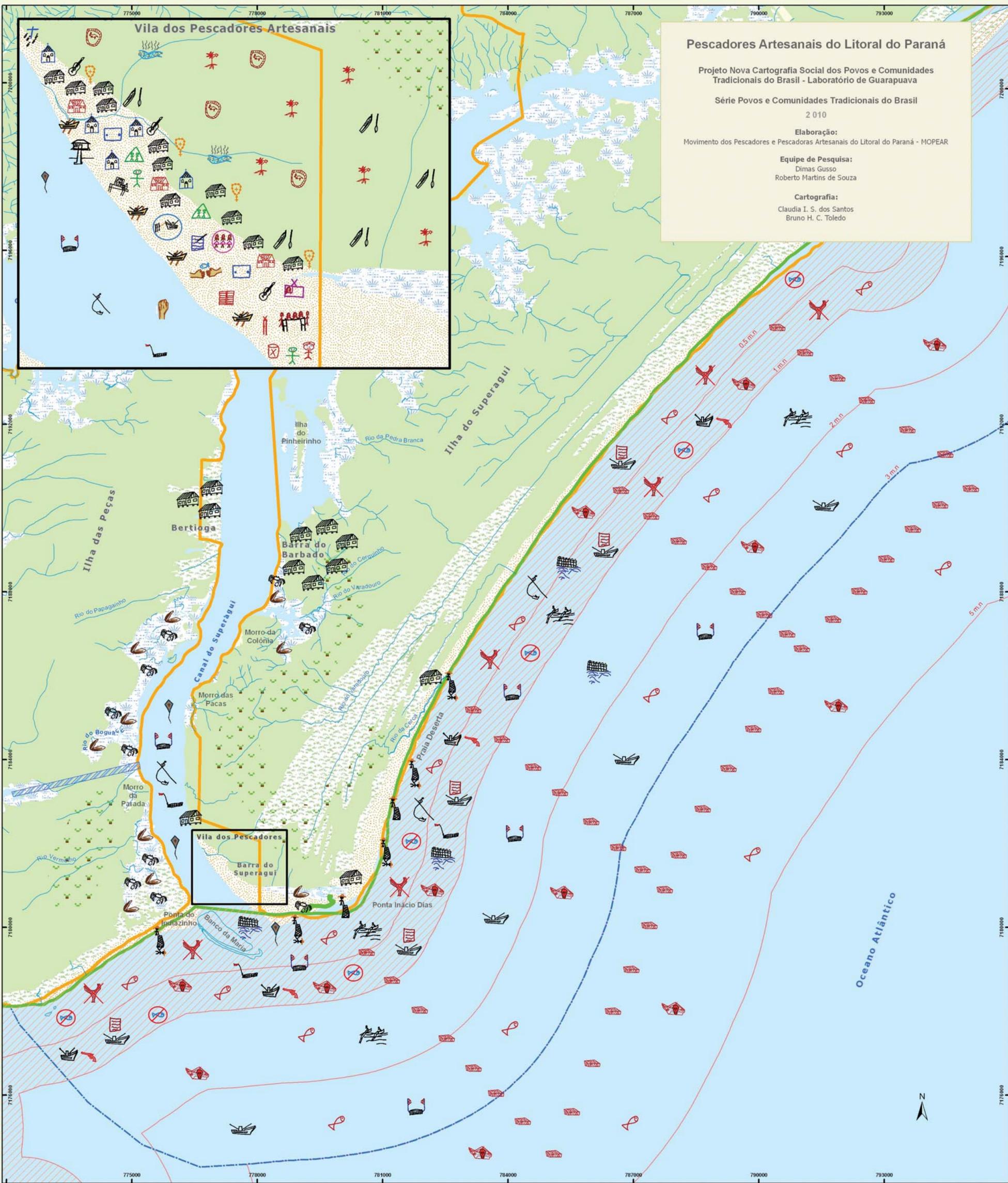
O que é o MOPEAR?

“Isso aí é uma grande importância porque se vai corre que nós tomemo uma força que era nossa, que era nossa antigamente só que pelo tempo as autoridade foram escondendo, foram escondendo essa força nossa e deixando nós oprimido. Mesma coisa é enterra nós pra fica com a cabeça pra fora da terra, não se pode movimenta nem com braço, nem com a perna. Então nós tava enterrado, hoje nós tamo vendo que nós tamo se soltando é e vai parece isso daí em todo lugar, que nós tendo uma liberdade que era nosso, e vai parece até na televisão, vai parece no mapa, vai parece que nós temo uma liberdade, que nós tava preso, então é uma grande coisa pra nós e pra os nossos filho mais tarde, pros nosso neto que ta crescendo, vai ser um apoio pra tudo nós. Essa é a nossa organização do pescador. Tamo vendo que está se abrindo uma janela, uma porta que estava fechado, era uma coisa que era nossa e nós não podia abrir, hoje nós tamo fazendo abri e tamo gostando do movimento e, esperamos que isso aconteça e se realize pra nós, que possa amanhã, nós andá de cabeça erguida no mar. Chegá em casa com a rede, a nossa canoa, chega em casa os nossos filho: não aconteceu nada, ninguém foi preso, ninguém foi judiado, nós tamo vindo com a nossa rede, não tamos perseguido por lei lá fora, como acontece.” **Miguel Siquera**

“Que possa amanhã, nós andá de cabeça erguida no mar”

“A importância do movimento MOPEAR, é que ele significa pra nós uma grande coisa, porque nós não tinha conhecimento de várias coisas, e agora tá sugerindo pra nós através da Rede Puxirão dos Povos e Comunidades Tradicionais conhecimento com grandes autoridade e levando os nosso problemas, e trazendo algumas soluções, que não é assim tão rápido, mais já tão selecionando algumas coisas pra nós, é muito bom o movimento MOPEAR por esse motivo.” **Azuir Barboza**

“O MOPEAR pra nós hoje, é o movimento dos pescadores artesanais do litoral do Estado do Paraná e, através da MOPEAR a gente conseguiu agrupar uma coisa importante em nossa vidas buscando a nossa visibilidade como um povo, uma comunidade tradicional. O movimento ta dando acessibilidade pra que a gente possa buscar os caminhos dos órgãos, das secretarias, porque pra que a gente possa impor uma condição pra nós, uma Política Estadual, uma política formal, pra que a gente possa ter nossos direitos ao desenvolvimento e a sustentabilidade pra essas comunidades tradicionais. Agora com a criação do movimento social buscamos o que é de mais sagrado pra nós, que são nossos direitos. Eu acho que o MOPEAR pra nós representa um grande papel, uma legitimidade para nossa luta porque nos somos milhares de pescadores, de pescadoras artesanais do litoral do Estado do Paraná, que tão invisíveis, e através do MOPEAR a gente ta buscando articular pra tenta mostra ao governo que a gente existe e somos milhares. Então, a importância de todo o movimento é que a gente venha conseguir abrir as portas das autoridades pra gente poder reivindicar aquilo como direito nosso.” **Samuel Dina**



Pescadores Artesanais do Litoral do Paraná

Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil - Laboratório de Guarapuava

Série Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil

2 010

Elaboração:
Movimento dos Pescadores e Pescadoras Artesanais do Litoral do Paraná - MOPEAR

Equipe de Pesquisa:
Dimas Gusso
Roberto Martins de Souza

Cartografia:
Claudia I. S. dos Santos
Bruno H. C. Toledo

Situações e Conflitos Comunidade dos Pescadores Artesanais da Ilha do Superagui

<p>Formas Organizativas</p> <ul style="list-style-type: none"> Associação de Mulheres Núcleo do Movimento Pescadores Artesanais do Litoral do Paraná - MOPEAR Embates <p>Práticas Tradicionais de Pesca Artesanal</p> <ul style="list-style-type: none"> Casseio Caracol Camboá Lanços Boeira Arrasto Camarão Picaré Coleta de Carangueijo Coleta de Ostra Gerival 	<p>Dispositivos Jurídicos acionados pelos Pescadores Artesanais</p> <ul style="list-style-type: none"> Abaixo-assinado de Autoreconhecimento (OIT 169) Acordos Tradicionais de Pesca <p>Práticas Culturais Tradicionais</p> <ul style="list-style-type: none"> Benzedeiros e Curadores Fandango Fabricação de Artefatos de Pesca Varar / Desvarar Barco Mutirão das Mulheres para "Limpa" do Pescado Embarcação Artesanal Fábrica de Farinha 	<p>Espaços Sociais</p> <ul style="list-style-type: none"> Igreja Posto de Saúde Trapiche Escola Campo de Futebol Cemitério Casa dos Pescadores <p>Formas de Violência contra os Pescadores</p> <ul style="list-style-type: none"> Prisão de Pescadores Artesanais Obrigação de Mapa de Bordo Multa e Apreensão de Equipamentos de Pesca 	<p>Reivindicação de Direitos</p> <ul style="list-style-type: none"> Reconhecimento das Mulheres como Pescadoras Artesanais Médico Sede Ensino Médio Luz Saneamento Coleta de Lixo Reforma e Construção de Casas Abertura Canal Boguaçu Território Pesqueiro 	<p>Conflitos Territoriais de Uso dos Rec. Naturais</p> <ul style="list-style-type: none"> Parque Nacional do Superagui (Unidade de Proteção Integral) APA Federal de Guaqueçaba (Unidade de Uso Sustentável) Milha Proibição de Pesca (IN 29/MMA) Ameaça de Recifes Artificiais Pesca Industrial Desastres Ambientais - Petróleo <p>Impedimento de Práticas Tradicionais</p> <ul style="list-style-type: none"> Proibição de Pesca Artesanal Coleta de Produtos na Floresta Criação de Pequenos Animais Antigas Áreas de Roçados 	<p>Fontes</p> <p>PNCSPCTB (Oficinas de Mapeamentos realizadas nos dias 21, 22 e 23 de julho de 2009; dias 15, 16 e 17 de setembro de 2009 e no dia 22 de dezembro de 2009 na comunidade)</p> <p>DSG (Mapeamento Sistemático, escala 1:50000)</p> <p>IAP (2005, Unidades de Conservação da Natureza)</p> <p>Levantamentos de campo</p> <p>IBGE (Malha Municipal Digital)</p> <p>REBIMAR - Programa de Recuperação da Biodiversidade Marinha (Disposição Geográfica dos Recifes dos Sistemas Anti-arrasto (SAA) no Litoral do Paraná)</p>
--	--	---	--	--	--

Quais as conquistas do MOPEAR na Vila de Superagui?

- Reconhecimento como Pescador e Pescadora Artesanal conforme OIT 169;
- Oficinas de Direito na comunidade;
- Realização da Nova Cartografia Social;
- Cancelamento da colocação dos recifes artificiais e anti-arrastos;
- Diminuição da repressão dos órgãos ambientais;
- Relação com Ministério Público Estadual e Federal;
- Melhoramento do trapiche;
- Criação do MOPEAR;
- Participação na REDE PUXIRÃO.
- Criação da Frente Parlamentar dos Povos e Comunidades Tradicionais na ALEP;
- Agilidade nas ações judiciais de indenização da Petrobras e Nafta.
- Melhoria da Assistência Médica.
- Aprovação da autonomia da Escola de Superagui.

Quais as reivindicações do MOPEAR?

- Abertura do canal Boguaçu;
- Saneamento básico;
- Coleta de lixo na Ilha;
- Criação de RESEX (setor pesqueiro artesanal, áreas de roçado e coleta de recursos naturais);
- Construção de escola para ensino médio;
- Liberdade para construção e reforma de casas para moradores da Ilha;
- Criar Reserva de Uso Sustentável no território dos pescadores artesanais.
- Construção de escola de ensino médio;
- Fiscalização dos órgãos ambientais nas embarcações industriais;
- Repasse do ICMS ecológico às comunidades de pescadores artesanais;
- Adequar e ampliar o tratamento da água;
- Criar um módulo policial na Ilha;
- Acabar com a exigência do mapa de bordo;
- Diminuir a burocracia para licença do camarão.

“Tem também o serviço interno, que a gente não pode mais. De primeiro os pais, os avós plantavam. E hoje em dia ninguém mais pode planta, por causa do IBAMA que tá proibindo. Ninguém pode cultivar mais. Então, tanto de um lado quanto de outro a gente tá se vendo apertado, oprimido. Cada vez mais as coisas tão faltando, então a gente está tentando procurar nossos direito pra ver se melhora essa situação.” **Arlindo Alves dos Santos**

“Por um ponto o povo vivia liberto, fazia uma roça aqui, fazia lá, eu plantei muita roça aqui, plantei lá, do outro lado, tinha muita mandioca, fiz farinha, aí tinha fábrica de farinha aí, uma fabricazinha lá, tinha farinha, tinha o cará, tinha o aipim, ia fácil o negócio, cana, é batata doce aqui dá muito, a gente tinha roça aqui. A batata doce: virou o canteiro era só semear, antes do parque tinha caça aí, até pegava caça comia.” **Elesbão do Prado**

Os conflitos que nós enfrentamos na Ilha de Superagui

“A gente mora aqui e vê todo dia o que tá acontecendo. Um das coisas são as proibições do IBAMA. A falta de respeito que eles tratam todos aqui, assim, não existe um esclarecimento. Por exemplo, ninguém chega e fala você não pode por tal motivo, simplesmente não pode. É mesma coisa com a proteção dos bichos, como o mico-leão, que nós achamos super importante. Mas acontece é que, todo mundo, quem fez a lei, só esqueceu de uma coisa: que tudo isso que existe porque as pessoas preservaram, os antigos preservaram, então as pessoas de antigamente não caçavam uma caça que tivesse com cria, por exemplo, ela tinha consciência de que se ela matasse com cria, podia acabar.” **Roseli Alessandra Soares**

“Os conflitos que dificultam mais os pescadores artesanais seriam as formas como os órgãos ambientais colocam as leis deles, porque eles colocam as mesmas leis que eles colocam pros pescadores industriais eles colocam pro pescador artesanal, e deveria ser diferenciado. O pescador industrial fica dias, quinzenas, meses no mar, a noite toda virando. Não tem hora pra eles pescarem o peixe. Não tem como os peixe se procriarem novamente. Não tem limite, o mar pode tá manso, como pode tá bravo, eles tão pescando, dia e noite, enquanto eles não lotam o convés deles, as geladeiras deles, eles não vão embora. Outro conflito é o parque nacional, que seria a mata, mas também o próprio mar que, teria que ser fiscalizado por parte dos órgãos ambientais pra pegar quem destrói e não quem pesca como nós. Ser fiscalizado assim, só assim o pescador artesanal conseguia sobreviver, seria mais pescado no mar.” **Ivair José da Silva**

“Por isso que além de tudo ainda é judiado pelo IBAMA. Ele não tá nem aí com isso, porque eles tem o ganha-pão deles lá. E que nem diz o dizer: “com o sapatinho no pé dia e noite” e não tão nem aí com a vida do pescador. Que nem na época do defeso, que é proibido. Daí vem pescar. O IBAMA vai lá fora ainda prendê eles, ainda multam. Teve gente daqui que foi preso lá por causa de pescar na proibição, tudo isso aí pra nós é sofrimento. Vida de pescador não é fácil não, nós sobrevivemos porque tem quem sobreviver, nós temos que seforçar a pescar pra sobreviver, senão não sobrevive.” **Ester Alves dos Santos**



Embarcação industrial



Embarcação industrial ancorada

“Olha, um barco industrial, o que ele mata num arrasto, pra nosso barco pequeno vai o valor de quinze barco pra mata num dia inteiro. Num dia eles pegam de 2 toneladas pra mais, chega a pegar até 10 toneladas depende do barco, pode ser até mais. Isso destrói o peixe, destrói a natureza. Porque pra nós eles querem mantê uma milha, sendo que o barco vem destruindo tudo, fora de uma milha. Eles vem menos de uma milha também. Quando tem fiscalização eles ficam em cima da milha deles, quando não tem eles pescam dentro da milha, onde não é permitido pesca, que daí nós não pesca, onde não é permitido porque o IBAMA não deixa. E quando ele vem pra prende os grande, eles vão e prende o pequeno. Não prendem os grande, prendem o pescador artesanal, que o industrial eles não prendem, não vão neles, e quando eles vão, mandam arrecua pra fora, e depois vem e prendem os pequeno. Esse é o tipo de lei que eles fazem. Já teve muito aqui que levaram preso como criminoso. Eles mete até arma na cabeça do cara, eles prendem como um criminoso, sendo que o cara é um pescador, o cara que tá buscando o alimento pra família. Como teve aí sete daqui de Ilha de Superagui que levaram pra Antonina, foram como criminoso, ficaram preso, sem come, dormiram lá na cadeia, não deixaram visita lá. Foi pago advogado pra podê tirá os cara, pegaram assim como bandido e levaram pra lá, um coitado de um pobre e trabalhador que é o pescador. Se vê como que é a lei. Então isso é a situação que a gente leva desses órgãos, porque melhora pros coitado dos pobre não tem, pro pescador artesanal não tem, enquanto o industrial destrói tudo que nós temo.” **Luis Castanho Cunha**

“Chegou um tempo em que agora, nessa época, que nós tamo, a gente já com 58 anos é proibido de pesca no rio, pra tira uma ostra é proibido pelo Ibama. Tomaram a rede muitas vez de mim, dos meus filhos. Eu ficava devendo na loja e não tinha condição de paga, lá ficava quando ia paga, pagava mil e mil e quinhentos por causa da multa. Então, aquilo ali foi um desespero pra nós, foi um conflito muito grande. Pra fazer uma casa tem que tira licença esperar um ano. Coisas que nós tinha liberdade de fazê, uma casa sem pedi permissão, pra nós. Tá chegando um tempo que até a nossa própria casa nós não temo direito. Porque nós ia troca uma telha, tem que pedi pra fulano. Então, não temo direito naquilo que é nosso. Nossos filho passa necessidade é a gente teme quando o mar engrossa quarenta cinco dias, quarenta, um mês, quinze dias, dez dia que engrossa o mar, nós não podemos corta um nada no mato, tirá um marisco no mangue, uma ostra um bacucú não dá porque o IBAMA ta proibindo nós faze isso. Daí, então é um conflito muito grande. Então, nós vemos que na época do nosso pai é que nós tinha uma liberdade grande.” **Miguel Siqueira**

“Então pra nós o grande problema são os barcos industriais, porque eles não respeitam a milha, é dia e noite enquanto não abastecerem o porão do barco eles não sai dali, e outro dia a gente vai lá não tem mais nada. Infelizmente a gente espera uma semana pra se repor de volta e depois a gente vai lá acha a pescaria de volta e eles voltam de novo no mesmo lugar e até acaba com ele, esse é a nossa situação do dia-a-dia. Outro conflito tem com o Ibama, lap, é força verde, Instituto Chico Mendes agora.

Que colocaram aí, são tudo os conflito que impede a gente de tudo, antes a gente tinha a liberdade de planta uma roça, de cultiva, de colher do, usufruir da natureza, hoje não podemos corta nem uma madeira para fazer uma estiva pra puxá o barco, se o Ibama pega a gente é multado é preso.

Mas há quantos anos nós vivemo aqui? Nossos pais, avós já moravam aqui, e nunca degradaram o mato, quem preservo isso aqui toda vida foi nós que somos preservadores aqui. Agora eles laçam uma lei e vem meia dúzia de gente estudada, e dizem que são eles que pre-



servam. Nunca fizeram nada, nós que preservamos isso aqui, e nós vamos preservar. O grande conflito pra nós são esses órgãos ambientais que fazem uma lei que não tem nada ver com o nosso tipo de vida e, vem proibindo nós de tudo, não temos liberdade pra nada mais.” **Azuir Barboza**

“Os órgãos ambientais são um conflito. Eles começaram a privar a vida dos povos e comunidades tradicionais tirando a liberdade, tirando o direito ao usufruto dos recursos naturais que quando a gente fala em um povo de uma comunidade tradicional é a gente tem todo um meio próprio de vida. Quando a gente fala num meio próprio de vida ao mesmo tempo a gente ta sabendo preservar. Então ai se tornou um grande conflito porque os órgãos ambientais com as leis ambientais fizeram que isso se tornasse pra nós o fim do desenvolvimento da comunidade. Nós temos muitos filhos, são dezenas, centenas de crianças e filhos de pescadores que estão com o futuro ameaçado.” **Samuel Dina**

“Aqui a gente tem vários conflito. A gente normalmente pesca numa área de uma milha pra terra, e essa milha ta sendo proibida pra nós. Então eles vem de lá, eles chegam, apreende o aparelho de pesca da gente, e além de apreender o aparelho de pesca da gente, multam, e tem muitas vezes que até algum pescador é preso ainda. E na área de cá de terra que a gente não pode mais construir uma casa.” **Cláudio Nunes**

“Aqui dentro da ilha a gente não pode entrar no mato, cortar um pau pra fazer nada, nem um pau pra fazer um varal a gente não pode cortar, não pode cortar um pau pra fazer uma cerca, não podemos. Aqui na ilha não podemos fazer nada porque o IBAMA ta em cima da gente, não tem nem como fazer nada. É bem difícil pra nós aqui.” **Irene Araújo Nunes**

“Aqui acontece de tudo, só nossos direitos que não acontecem. Que a gente sabe que tem direito, que é um direito sagrado dos cidadãos, mas a gente não tem aqui, e quando vai atrás é muita burocracia que colocam na frente, dificuldades. O que eles fazem? Por ser parque eles querem proteger a natureza e daí eles agredem nós como ser humano não temos valor nenhum pra eles, e além de tudo eles condenam nós que tamo destruindo a natureza e na verdade não é nada disso. O pescador artesanal é quem preserva a natureza aqui. Só que os órgãos públicos não falam assim, nós é que somos os criminosos da ilha.” **Lenita Aparecida Martins**

Qual a importância do mapeamento para a comunidade?

“Esse trabalho que a gente ta fazendo, eu não estou fazendo sozinho, eu quero dividir esse trabalho com todos os meus companheiros da comunidade, como eu procuro pelos meus direitos, eu quero que todos também tenham direito, e as vezes tem muitas pessoas que criticam: há você está fazendo só pro teu lado. Eu não! Eu quero dividir com toda minha comunidade, que é com eles que eu convivo, porque se eu não conviver junto com uma comunidade de pescador eu não sei viver em outra prática, eu já tentei morar na cidade, já 3 vezes, já vi que a cidade é uma outra vida.” **Laurentino de Souza**



Mãezera de Cipó imbé, antes utilizada para fabricação



Placa do parque nacional de Superagui

“Eu acho que é importante pra identificar quem mora aqui no lugar, e o que faz. Acredito que muitas pessoas aí, sei lá, governo nem sabem o que tá acontecendo aqui, eu acho que nem sabe porque o povo não tem mais identificação, onde é Superagui? É uma ilha, então acho super importante, pra mostrar quem você é. Também pras pessoas poderem ter sua identidade de pescador artesanal reconhecida.” **Roseli Alessandra Soares**

“É importante porque o pescador artesanal vai ser reconhecido como um pescador artesanal mesmo, do modo como ele vive, a cultura que ele vive desde muitos séculos atrás lá, desde os nossos avós, bisavós viviam, a gente continua com a mesma cultura.” **Ivair José da Silva**

“A cartografia é uma ferramenta muito boa pra nós. Vai dá uma força, vai dá um incentivo, vai ser mostrado como o pescador artesanal é um povo que necessita dos amparos da lei que precisa de revisão nessas leis aí. Porque o pescador artesanal não é um povo que destrói não é um povo que vai lá e mata o pescado, o pescador artesanal é um povo que depende daqui. Então a importância da cartografia é isso, é uma ferramenta que vai dá um poder maior pra nós, pra nós lutar, pra nós procurar nossos objetivos, que é trabalhar sossegado, sem a repreensão dos órgãos ambientais, por isso a cartografia é importante pra nós nesse lado.” **Erick da Conceição Barboza**

“A cartografia social surgiu na realidade de uma luta de oito meses que a gente foi debatendo e já faz um ano e três meses que a gente ta dentro da rede puxirão dos povos e comunidades tradicionais e num período de oito meses a gente veio trabalhando é vendo como que era o processo da auto cartografia social, e a partir dali concluímos e conseguimos fazer a solicitação. Foram oito meses de conhecimento, primeiro em que vimos vários fascículos de outras comunidades tradicionais que ele veio mostrando pra nos que tinha uma grande importância um mapeamento pra que aqueles órgãos dos governos o próprio governo conheça melhor, a promotoria conheça melhor a nossa realidade e dar visibilidade pra nos como direito mesmo que a gente já vem discutindo desde o inicio.” **Samuel Dina**

“A cartografia social é o auto-reconhecimento nosso é a identificação dos pescadores artesanais, porque sem ela nós não somos identificado. Agora estamos com a cartografia social pra ser reconhecida como pescador artesanal, como nós vivemos, o que eles fazem contra nós, e o que nós podemos reivindicar, isso pra nós é muito interessante, muito importante.” **Azuir Barboza**

“Eu acho isso muito importante. O povo daqui vai ser reconhecido aos poucos através desse mapeamento os órgãos públicos quem sabe voltem a deixar os pescadores artesanais viver sua vida, trabalhar, lutar lá no mar como sempre foi a vida deles a vida inteira. Através desse mapeamento aí eu acho que vai melhorar muito, já ta melhorando bastante.” **Lenita Aparecida Martins**



1º Oficina de mapa dia 21/06/09



Audiência com Ministério Público Estadual dia 22/06/09

CONTATO
mopearparana@hotmail.com

Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil

- 1 Povos dos Faxinais – Paraná
- 2 Fundos de Pasto *Nosso Jeito de Viver no Sertão* Lago do Sobradinho, Bahia
- 3 Quilombolas de Jambuaçu – Moju, Pará
- 4 Comunidades dos Pescadores e Pescadoras Artesanais *Mostrando sua Cara, Vez e Voz* Submédio e Baixo São Francisco
- 5 Ribeirinhos e Quilombolas, Ex-moradores do Parque Nacional do Jaú – Novo Airão, Amazonas
- 6 Quilombolas de Conceição das Crioulas, Pernambuco
- 7 Ribeirinhos e Artesãos de Itaquera, Gaspar, Barreira Branca e São Pedro – Rio Jauaperi, Roraima e Amazonas
- 8 Quilombolas de Linharinho, Espírito Santo
- 9 Cipozeiros de Garuva – Floresta Atlântica, Santa Catarina
- 10 Povoado Pantaneiro de Joselândia, Mato Grosso
- 11 Comunidade Quilombola Invernada Paiol de Telha Fundão, Paraná
- 12 Comunidade de Pescadores de Caravelas, Sul da Bahia
- 13 Expressões Culturais e Ofícios Tradicionais de Goiabeiras Velha – Vitória, Espírito Santo
- 14 Ribeirinhos e Artesãos de Sumaúma e Xixuaú – Rio Jauaperi, Roraima e Amazonas
- 15 Ilhéus do Rio Paraná, Paraná
- 16 Pescadores Artesanais da Vila de Superagui, Guaraqueçaba, Paraná

REALIZAÇÃO

Movimento dos Pescadores Artesanais do Litoral do Paraná – MOPEAR

APOIO

